CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES, PRESENTE! A GEOGRAFIA DESCOLONIAL DE UM INTELECTUAL DE ABYA YALA [1]

Carlos Walter Porto-Gonçalves, presente! The Decolonial Geography of an Intellectual from Abya Yala

Renato Emerson Nascimento dos Santos [A]

[A] Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 01/07/2024 | 13/07/2024 **DOI:** 10.12957/tamoios.2024.85566
Correspondência para: Renato Emerson Nascimento dos Santos (renatoemerson@ippur.ufrj.br.)

Resumo

Este texto é uma homenagem ao geógrafo, orientador de doutorado e amigo Carlos Walter Porto-Gonçalves, falecido em setembro de 2023. Um dos principais nomes da geografia brasileira e do pensamento social latino-americano nas últimas décadas, Carlos Walter em quase cinco décadas de trajetória intelectual e militante produziu, a partir de seus enredamentos acadêmicos e, principalmente, com lutas de movimentos sociais na Amazônia, no Brasil e na América Latina, um conjunto de ideias que reverberam através de suas publicações, mas também de alunos, orientandos e parceiros. O texto retoma algumas destas, aquelas que mais influenciaram nossa trajetória, em anos de aprendizado a partir do convívio com ele na Associação dos Geógrafos Brasileiros, no meu doutorado que ele orientou e em parcerias outras que tivemos desde então.

Palavras-chave: Carlos Walter Porto-Gonçalves, Colonialidade do saber, Giro descolonial, Geografia.

Resumen

Este artículo es un homenaje al geógrafo, asesor de doctorado y amigo Carlos Walter Porto-Gonçalves, fallecido en septiembre de 2023. Uno de los principales nombres de la geografía brasileña y del pensamiento social latinoamericano de las últimas décadas, Carlos Walter en casi cinco décadas de carrera intelectual y militante produjo, a partir de sus enredos académicos y, principalmente, con las luchas de los movimientos sociales en la Amazonía, Brasil y América Latina, un conjunto de ideas que reverberan a través de sus publicaciones, pero también a través de estudiantes, asesores y compañeros intelectuales. El texto retoma algunos de ellos, aquellos que más resonaron nuestra trajectoria, en los años de aprendizaje viviendo con él en la Asociación de Geógrafos Brasileños, en mi doctorado que él supervisó y en otras colaboraciones que tuvimos desde entonces.

Keywords: Carlos Walter Porto-Gonçalves, Colonialidad del saber, Giro descolonial, Geografía.

INTRODUÇÃO

No dia 6 de setembro de 2023, faleceu o geógrafo brasileiro Carlos Walter Porto-Gonçalves (1949-2023), uma das vozes críticas mais proeminentes do pensamento latino-americano contemporâneo. Em quase 50 anos de carreira como intelectual e ativista – dimensões que considerava indissociáveis – publicou mais de 20 livros em português e espanhol, além de dezenas de artigos em revistas científicas e capítulos em coletâneas editadas. Orientou dezenas de pessoas, em cuja formação teve marcada influência, assim como do conjunto de estudantes que participaram de suas aulas em décadas de magistério no ensino básico e superior. Criou e coordenou o Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades (LEMTO), espaço no qual formou e agregou expressivo número de pesquisadores comprometidos com os debates referentes aos conflitos sociais no Brasil e na América Latina.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons BY-NC-SA 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

No Brasil, recebeu o Prêmio Chico Mendes do Ministério do Meio Ambiente, na categoria Ciência e Tecnologia, em 2004. Seu livro "A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização" (2008) recebeu o prêmio Casa de las Américas em Cuba. Sua produção raramente foi traduzida para o inglês: Porto-Gonçalves teve ampla circulação principalmente pela América Latina por escolha própria, pois num momento em que as agências estatais exigiam a internacionalização da produção acadêmica, ele criticamente questionava se "ir para a Bolívia, Equador ou Cuba e publicar lá também é internacionalização, não é? Ou será que a internacionalização significa apenas a Europa e os Estados Unidos, onde somos tratados como colônias? " Estas suas provocações não eram apenas respostas a um crescente processo de dominação gestionária (Boltanski, 2013) da produção do conhecimento científico através de sua burocratização (sistemas burocráticos de controle travestidos de indicadores quantitativos de avaliação), algo contra o qual se insurgia também, mas uma defesa do enraizamento epistêmico da produção do saber. Com efeito, seu diálogo com a geopolítica do conhecimento e o pensamento liminar de Walter Mignolo e, também, com a exotopia de Mikail Bakhhtin, o terceiro espaço de Hommi Bhabha e a interculturalidade crítica de Catherine Walsh (Porto-Gonçalves, 2004) trazia, como uma de suas marcas mais proeminentes, o vínculo entre as condições (sociais, políticas, históricas e territoriais) de gestação do saber e a intencionalidade transformadora dos sujeitos que criam o conhecimento como um ato de r-existência. Pretendemos, nestas breves notas, celebrar algumas das ideias deste geógrafo militante, que era, inescapavelmente, um militante geógrafo. Dentro de seu vasto repertório criativo, fértil tanto intelectual quanto politicamente, traremos aqui apenas algumas de suas ideias, a partir das vivências que tivemos juntos, na militância pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, no meu processo de doutoramento sob sua orientação e diversas parcerias ao longo de mais de duas décadas e meia de interlocuções.

UMA VOZ PARA O PENSAMENTO CRÍTICO

Carlos Walter Porto-Gonçalves (ou, CW, como alguns de seus interlocutores mais próximos costumavam se dirigir a ele) nasceu e cresceu em um bairro periférico suburbano do Rio de Janeiro. A sua formação pessoal tanto na infância como na adolescência foi marcada, por um lado, pelas limitações materiais impostas à classe trabalhadora. Seu pai era operário de fábrica e sua mãe dona de casa. Isso ocorreu no período de industrialização brasileira – que, como paradigma das economias periféricas, significava que o país era dependente e baseado na hiperexploração da força de trabalho. Este processo, que transformou a cidade em metrópole, criava então uma estrutura marcada por novas relações entre as partes da cidade (como centro e periferia, que ele gostava de sublinhar que eram lados de uma mesma relação de subalternização, dominação e exploração, de centralidades e perifericidades) e entre rural e o urbano - que se, funcionalmente pareciam mais separados entre setores do capital e no espaço, na cidade ainda se faziam presentes no cotidiano da classe trabalhadora na forma de manifestações culturais festivas, mas também na preservação e compartilhamento de saberes e práticas que mantinham estratégias alimentares de plantio e criação em pequenos "vazios urbanos", quintais e outros espaços, saberes cuja invisiblização ele vai posteriormente criticar. Por outro lado, também vivenciou toda a riqueza cultural dessa mesma classe trabalhadora,

então marcada por uma pluralidade étnica e cultural impulsionada pelas migrações de diferentes regiões do país (principalmente de zonas rurais e da região Nordeste), e que se misturavam a negros e brancos descendentes de imigrantes europeus pobres.

Essas experiências inspiraram seu engajamento político após ingressar na universidade e, na década de 1970, CW envolveu-se com diversos movimentos e lutas sociais. Num contexto de lutas anticoloniais africanas, participou em cursos com grupos do Movimento Negro[2]. Com as lutas contra a ditadura militar (que chamava de "ditadura civil-militar-empresarial"), entrou em contato com grupos ideológicos marxistas e, apesar de algumas posições iniciais dissonantes, adotou o marxismo como sua primeira grande matriz de pensamento. É neste contexto que se juntou às lutas de associações de moradores e também de grupos de base na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), no final daquela mesma década.

Foi nessa época, atuando como professor de Geografia, que CW participou do Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) de 1978, organizado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (entidade da qual viria a ser presidente, no biênio 1998-2000). Num contexto em que o regime ditatorial se enfraquecia e os ativistas e intelectuais exilados começavam a retornar (por exemplo, Milton Santos), este encontro ficou conhecido como o evento mais importante para a virada crítica da geografia brasileira. Na reunião, três disputas se juntaram. Primeiro, a disputa política da sociedade contra a ditadura, com geógrafos conservadores e de direita a favor do regime e geógrafos progressistas de esquerda contra ele. Lembremos que a geografia foi, historicamente, uma ciência de Estado, engendrada como parte do projeto colonial em suas diferentes escalas: na internacional, o eurocentramento do mundo; na nacional, o colonialismo interno dado pela imposição de projetos de território a serviço das elites e seus compromissos como elos periféricos e dependentes do capitalismo mundial – e, neste período, este processo interno se atualizava através da modernização conservadora da agricultura, do planejamento regional, do avanço sobre o cerrado e a ideia de "conquista" da Amazônia, das migrações internas, da urbanização exponencial e a criação das regiões metropolitanas, por exemplo. Assim, muitos geógrafos e geógrafas eram comprometidos com a transformação do território levada a cabo pela "regulação autoritária" (Oliveira, 1990), não apenas como trabalhadores empregados em órgãos públicos (muitos destes eram críticos ao regime, obviamente), mas alguns e algumas atuando politicamente a serviço da ditadura. Isto incluía até mesmo a prática da deduragem de colegas, entregando os oposicionistas para o regime ditatorial. Tais disputas se acirraram no contexto do encontro.

Em segundo, o ENG de 1978 foi arena das disputas epistemológicas da ciência geográfica, contrapondo a defesa da Geografia Quantitativa, chamada de "Nova Geografia" (uma má tradução da expressão utilizada em inglês, "New Geography"), contra a emergente Geografia Marxista, que defendia que o campo científico deveria adotar posições políticas críticas como base para a sua práxis acadêmica. A chamada "Geografia Crítica", que não envolvia apenas as perspectivas vinculadas ao marxismo, mas que era hegemonizada por estas, vinha emergindo tanto através das obras de teóricos e autores de referência acadêmica do campo (p. ex., a circulação de traduções pirateadas de livros como o de Yves Lacoste, "A Geografia: isto serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra"), quanto também pela prática e formulações de docentes atuantes no ensino básico. Com efeito, o ensino escolar era, neste período, uma

importante trincheira de pensamento crítico anti-regime ditatorial - algo que não se restringia à disciplina de geografia, que era marcante também entre docentes de história e mesmo de outras disciplinas com temáticas de menor visibilidade política. Era em salas de aula de escolas que posições críticas já engendravam uma geografia que se recusava a ser apenas "descrição", onde práticas pedagógicas buscavam difundir leituras politizadas e críticas de mundo e de sujeito. Carlos Walter era um exemplo desta prática. Assim, concepções do que era geografia se misturavam a entendimentos sobre o papel e os efeitos sociais do conhecimento científico, contrapondo a defesa de uma suposta neutralidade positivista frente a perspectivas defendendo sua politização transformadora, que denunciavam a neutralidade como alienação comprometida com os projetos hegemônicos.

Em terceiro lugar, as disputas institucionais da própria Associação, que, até então, funcionava como um clube de elite e com poucos associados em todo o país. A hierarquia era a marca do corpo social da entidade, que se contrastava com uma comunidade geográfica em crescimento, por conta da momentânea ampliação do sistema escolar e de cursos de licenciatura, o que aumentava a quantidade de docentes escolares e de estudantes acadêmicos. Estes se juntavam a parte da própria comunidade docente universitária que também era excluída da AGB, visto que o ingresso às fileiras da entidade se dava por convite. Democratizar a entidade, horizontalizando pertencimentos nela, se torna uma agência de luta política pela democratização da própria sociedade que então via um regime ditatorial se enfraquecer. Estas três dimensões de lutas – a anti-ditadura, a epistemológica e a institucional – se misturaram naquele Encontro Nacional de Geógrafos.

Em meio a essa turbulência política em que se transformou o encontro, CW, pela primeira vez, apresentou seu texto intitulado "A Geografia está em crise: viva a Geografia!", que foi republicado diversas vezes em livros e periódicos ao longo dos anos seguintes, deixando uma marca duradoura na disciplina pela demanda específica que fez:

> A crise que ora atravessamos não é, portanto, somente da geografia ou de uma determinada 'visão' ou postura teórico-metodológica, mas se inscreve em uma crise mais geral, cujos sintomas começaram a vir à luz com a derrota norte-americana no Vietnam. Este fato deve ser retido por todos aqueles geógrafos que se propõem a uma produção científica comprometida com uma perspectiva transformadora, com um espaço que seja o da liberdade dos homens e não um espaço do capital. (Porto-Gonçalves 1982 [1978]: 109).

Algumas das ideias centrais que permearam toda a sua trajetória como intelectual e ativista já apareciam neste texto. Primeiro, a de que uma geografia transformadora, em vez de se concentrar nas formas e nas relações espaciais do capital, deveria valorizar os sujeitos sociais subalternizados, em suas próprias formas de ser e estar – "no espaço" e "com o espaço". Isso foi marcante no envolvimento que CW teve, durante a década de 1980, com a luta dos seringueiros da Amazônia no Acre, assessorando o grupo liderado por Chico Mendes. Os seringueiros buscavam a demarcação de suas áreas de coleta de borracha, mas não como propriedades privadas individuais. Eles reivindicavam formas de reconhecimento de direitos sobre a terra que mantivessem seus usos coletivos. Para isso, era fundamental que a floresta mantivesse sua fauna, sua flora e suas relações ecológicas, que davam sustentação às seringueiras, bem como uma multiplicidade de usos, práticas e significados que os grupos constituíam em sua interação com o meio ambiente. Caminhando junto com eles na floresta

para subsidiar suas lutas pela demarcação, ele enxergou os sujeitos construindo seus caminhos entrelaçados que permitiam, além da extração do látex para a produção da borracha, um conjunto de relações com a natureza e com outros ocupantes. Apontou então que sujeitos grafando a terra, imprimindo nela suas marcas e ações, se constituindo enquanto sujeitos "com" a natureza (e não "vivendo da natureza"), transformavam a geografia em verbo: geo-grafia como o ato de grafar a terra e com isso lhe conferir sentido. Geo-grafar, aparecia, assim, como a forma dos grupos significarem sua existência na terra, através de práticas que os constituíam no mesmo movimento que constituíam seus territórios e territorialidades.

Essas experiências o levaram, de uma atuação inicial como pesquisador de geomorfologia, ao campo da geografia agrária e, a partir daí, ao debate ambiental e à ecologia política. Este novo enquadramento moldou profundamente as suas publicações nas décadas de 1980 e 1990, especialmente os seus livros "Paixão da Terra: Ensaios Críticos sobre Ecologia e Geografia" (1984) e "Os (Des)caminhos do Meio Ambiente" (1989), ambos marcos importantes na compreensão dos movimentos ecológicos sob as lentes da crítica materialista histórica, ao mesmo tempo em que valorizam a multiplicidade de formas culturais engendradas nas relações entre sociedade e natureza. Afirmou então que "o homem [sic] é um ser que por natureza produz cultura, esta é a sua especificidade natural" (Porto-Gonçalves 1989: 94). Foi valorizando essa pluralidade cultural em suas inscrições geográficas que CW ajudou a construir a Articulação dos Povos da Floresta Amazônica na década de 1980, e posteriormente colaborou nas lutas de povos e comunidades tradicionais de outros biomas brasileiros, como o Cerrado e a Caatinga, onde trabalhou com indígenas, quilombolas, geraizeiros (habitantes tradicionais do Cerrado no norte de Minas Gerais), vazanteiros (populações da várzea do rio São Francisco) e comunidades de fundo de pasto (formas comunitárias de criação de gado), entre outros.

R-EXISTÊNCIAS

Ao lutar pela manutenção de suas condições materiais de reprodução, esses grupos demonstraram a indissociabilidade entre seus modos de existir e os elementos da natureza que lhes eram co-constitutivos. Ao longo de toda a sua carreira, CW esteve envolvido nas lutas destes grupos, cujas formas de existir envolviam este imbricamento das suas formas sociais e das suas condições ambientais. Defendeu, portanto, a valorização de uma visão de mundo baseada na imanência entre natureza e sociedade: "Mulheres e homens de carne e osso", como gostava de afirmar, eram sujeitos sociais, mas também eram natureza, como corpos e como práticas, comportamentos, relações de poder e conhecimento. Ele gostava de sublinhar o seu ponto de vista brincando com palavras em português, por exemplo, "sabores" e "saberes" – duas palavras que parecem ser muito semelhantes na forma, mas na verdade significam "sabores" e "conhecimento". Isto não só lhe permitiu evidenciar a continuidade entre as dimensões metabólicas dos corpos humanos e os seus ambientes naturais, mas também a construção situada das matrizes do conhecimento. Em suas palestras ele se baseava em anedotas como a de um povo indígena que, ao observar que um certo lagarto, sempre que era picado por uma cobra, roía a casca de uma determinada árvore, passou a usar o chá daquela casca como antídoto para veneno de cobra. Isto permitiu-lhe demonstrar que, para este grupo, a preservação

da natureza e das suas relações ecológicas era também fundamental para a preservação de fontes particulares de matrizes de conhecimento (não científicas!) e para a produção de subjetividades (incluindo o sagrado), todas as quais deveriam ser entendidas como inseparáveis. Daí, também, sua aproximação com a ideia de "ser sentipensante" de Orlando Falls Borda, numa crítica ao supremacismo da razão ocidental e da ciência como matriz supostamente superior do conhecimento.

Uma geografia comprometida com a transformação e a justiça deveria, então, valorizar as "geograficidades" dos sujeitos oprimidos, explorados e subalternizados, que lutam contra tais processos de dominação. "Geograficidade" era mais um dos seus neologismos, que ele utilizava para se opor à valorização da dimensão temporal na leitura de processos, fenômenos e sujeitos sociais, em detrimento das dimensões espaciais dos mesmos. CW propôs uma geografia centrada na ação e nos sujeitos, especialmente aqueles "desde abajo" (uma das expressões que ele gostava de falar em espanhol, valorizando seus diálogos latino-americanos). Afirmava que a ação desses sujeitos seria portadora de potencial transformador da sociedade, e essa transformação era necessariamente espacial. Apontava que "todo movimento social é portador, em algum grau, de uma nova ordem que, como tal, pressupõe novas posições, novas relações, sempre socialmente instituídas, entre lugares" (2003: 272). Aí, dialogando com a noção de "espaço social" de Pierre Bourdieu, um sociólogo que evoca o espaço como metáfora da estrutura social como sistema de posições, mas que neste movimento também dialoga criticamente com as imaginações espaciais do social, CW vai construir a ideia de que a transformação social – ou, uma mudança na "ordem social" – também engendra e é, inescapavelmente, uma transformação espacial. Neste sentido, via então os movimentos sociais como fenômenos fundamentalmente geográficos: dizia, em seu texto "A Geograficidade do Social: uma contribuição para o debate metodológico sobre estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina" (2003), que "movimento", mesmo na física, é mudança de posição, e que a constituição de lutas dos movimentos sociais era, portanto, uma rejeição à posição de subalternização imposta a tais sujeitos. Tal posição é social e também espacial, pois as relações sociais só existem com o espaço – ou, existem através do espaço, é a partir dele que elas se materializam. Buscar a transformação social é também protagonizar mudança espacial, e isto é imanente a sujeitos sociais contrários à ordem hegemônica.

Daí, cunhou uma de suas mais difundidas expressões, vastamente incorporada como repertório discursivo de grupos em luta e em discursos críticos: a ideia de "r-existência" – como o fazer de sujeitos que resistem às opressões reconstruindo suas formas de existir. Uma celebração à criatividade social, cultural e ecológica de matrizes de conhecimento e sobrevivência de grupos que não necessariamente se enunciam como lados de um conflito social em suas vidas cotidianas. Mas, quando as suas formas de existência (condições materiais e práticas sociais enredadas) são percebidas como ameaçadas, colocam-se em luta. Tal formulação, de um lado, valoriza a dimensão do conflito, ou melhor, evidencia a conflitividade como um dado das relações sociais e formas de ser e existir mesmo em comportamentos e interações nas quais a performatização do sujeito não é orientada pela consciência do conflito. Na verdade, enfatiza o conflito não apenas como contencioso, mas como relação, atentando que é na interação que se constituem os sujeitos – uma leitura do conflito que trazia influência das interpretações do historiador inglês Edward Peter Thompson sobre a luta de classes, de que as

classes são formadas a partir das lutas. CW gostava de mostrar que tudo que é operado "contra" contém o "outro" como constitutivo do agir do sujeito, e por isso utilizava a expressão "com/contra". Isso valia tanto para situações de conflito quanto para situações em que ele não estava explicitado, pois a própria constituição dos sujeitos passa pela interação com o "outro": não há identidade forjada sem alteridade, ser sem se relacionar, de onde ele enaltecia a existência, na língua espanhola, do pronome "nosotros", assim como em línguas como quéchua e aimará não há pronomes equivalentes a indivíduos. Uma crítica ao individualismo planetarizado pelo sistema capitalista, ao seu atomicismo como pressuposto da existência social e aos essencialismos enquanto ethos, visto que a existência é relacional, portanto, o ser social é, por si só, incompleto, pois depende do outro para existir. E, isso também vale para a dimensão "natural" desse ser "social", pois enquanto organismos sociometabólicos que somos, dependemos também de relações ecológicas como base inescapável para a vida.

De outro lado, ao afirmar a geograficidade do agir social dos movimentos, retoma e avança na formulação do seu texto "A Geografia está em crise..." de 1978, da busca de "um espaço que é a liberdade dos homens e não do capital", valorizando a espacialidade que é imanente aos grupos oprimidos em sua agência e criatividade constitutiva. CW valorizava as geografias "a partir de", e não "sobre". Isto envolvia, necessariamente, enaltecer as agências (políticas, epistêmicas) dos sujeitos, e também aproximava esta compreensão geográfica de uma concepção relacional de espaço. As relações socioecológicas (ou, as dimensões sociometabólicas da existência) eram vistas por ele como a própria geograficidade dos seres e, em particular, dos movimentos sociais - e, neste sentido, a espacialidade se tornava um dado do ente, e um desafio analítico para a construção de uma prática científica de geografia comprometida com a transformação social. Assim, o espaço se tornava um dado das coisas e dos sujeitos, pois os via como portadores das próprias relações que os constituíam. Uma geografia transformadora deveria valorizá-los, suas espacialidades, suas relações, mas também suas ações, seus universos de sentidos, numa abertura radical das imaginações espaciais. A "natureza sócio-geográfica" (Porto-Gonçalves, 2006), atributo dos movimentos sociais, buscava então apreender as diferentes formas de espacialidade das lutas: seus territórios, territorialidades e territorializações; sua natureza escalar local, regional, nacional, internacional e as relações entre elas; seu caráter rural, urbano ou outra forma de existir que tal categorização dual não apreende e ajuda a invisibilizar; entre outras. Defendia que, mais do que definir e circunscrever esta natureza sócio-geográfica dentro de um conceito ou categoria da análise espacial, era mais profícuo debater e explorar os diversos campos de relações e enredamentos engendrados pelo fazer e existir de uma luta social, e que exatamente desta tensão analítica é que poderiam emergir as espacialidades da transformação social. A valorização política e analítica das "r-existências" assenta a geograficidade como um dado fundamental para o entendimento dos protagonismos dos sujeitos da transformação, buscando visibilizar o que é epistemicamente ocultado (ou, como ele gostava, "olvidado") pelos cânones do pensamento crítico quando foca nas tendências ditadas pelas forças hegemônicas.

A VIRADA DESCOLONIAL

Ressaltamos aqui, então, dois aspectos fundamentais em sua obra. Primeiro, a busca pela valorização teórica e política desses sujeitos, duas expressões que, para ele indissociáveis, compunham a dimensão epistêmica. Em segundo lugar, a valorização da multiplicidade do ser e do existir, passo a partir do qual fazia a "crítica do pensamento crítico", mas numa perspectiva construtiva, da crítica imanente. A partir desses dois traços, aproximou-se da perspectiva descolonial, e talvez tenha sido um pioneiro no Brasil no diálogo direto com os ideólogos dessa agenda, sob a liderança do sociólogo peruano Aníbal Quijano. Aproveitando as redes sociopolíticas e acadêmicas críticas dos primeiros encontros do Fórum Social Mundial (FSM, em 2001, 2002 e 2003 em Porto Alegre, no Brasil), CW aumentou seus laços com a militância latino-americana e a intelectualidade que buscava, através do enraizamento em lutas da região, fazer uma crítica ao próprio pensamento crítico. Assim, ao mesmo tempo em que se reunia com militantes negros do movimento de hip hop do Rio de Janeiro (que, elaborando uma crítica a um elitismo de "estrelas acadêmicas" do FSM pretendiam organizar um "fórum social da periferia"), CW estabelecia conexões com o grupo de intelectuais que vinham propondo a descolonização do pensamento crítico. Tornou-se, então, um pioneiro da abordagem do giro descolonial no Brasil, tendo escrito o prefácio da primeira edição em português do livro "A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas" (2005), organizado pelo venezuelano Edgardo Lander e publicado pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO).

Seu enredamento político e intelectual com pensadores, militantes e movimentos sociais então privilegiou a circulação de sua obra na América Latina – que ele preferia chamar de "Abya Yala", reverberando a forma de denominação utilizada pelos povos nativos Kuna, que vivem em partes do Panamá e da Colômbia, ou "Pachamama", como a chamam os povos da tribo Quechua e as línguas aimarás, da região andina que inclui Chile, Argentina, Bolívia, Peru e Equador –, e a partir desse momento, no início dos anos 2000, muitos de seus livros e artigos foram publicados em espanhol.

A inspiração para isso, entretanto, vinha de antes: o trânsito pela Amazônia desde a década de 1980 já vinha sendo um caminho para um olhar plural sobre a região, valorizando a sua diversidade sócio-biológica, que ele explorou em seu livro "Amazônia, Amazônias" (2001). Neste livro, ele mostrou como a Amazônia era constituída e encarada de formas distintas pelos grupos que lá viviam e pelas elites (econômicas e intelectuais) dos países que a dividiam através das fronteiras do que ele preferia chamar de "estado territorial" ao invés de "estado nacional". Assim, a multiplicidade de compreensões sobre o espaço amazônico entre amazônidas e não amazônidas, indígenas e não indígenas do/no Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia e outros países se apresentava para ele como um desafio analítico e político, mas também como um campo fértil de produção de conhecimentos.

Tais tensionamentos epistêmicos lhe eram fonte de inspiração para pensar e criticar o Brasil. Por conta de seus mais de 300 grupos étnicos e 274 línguas nativas, CW costumava afirmar que o Brasil era o país mais indígena das Américas. Mas ele também argumentou que esta indigeneidade foi invisibilizada pela imposição do modo dominante de representação da nação que reconhece menos de 1% da sua população como indígena. Seu engajamento contra essa invisibilidade, fortalecido no marco das campanhas dos povos indígenas em 1992

denunciando os processos de opressão iniciados com a chegada de Cristóvão Colombo em 1492, reverberou em seu período como presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1998-2000). Assim, ele teve forte protagonismo na construção do tema do Encontro Nacional de Geógrafos do ano 2000, ao final de sua gestão: "Os outros 500 na formação do território brasileiro" apontava para a necessidade da descolonização do olhar sobre o país. O Brasil é o único país das Américas que celebra uma data própria de descobrimento, que é a chegada do navegador português Pedro Álvares Cabral em 22 de abril de 1500. Este insulamento do país em relação ao continente e à região geocultural latino-americana, que se reflete numa narrativa histórica isolada, era denunciado por ele como uma ferramenta de colonização epistemológica, de inculcação de uma forma de pensar, de ver o mundo e se ver no mundo que aprofundava a colonialidade em sua versão brasileira.

O bloqueio cognitivo a um entendimento integrado dos processos históricos e sociais conectados em escala regional aprofunda visões de mundo calcadas nos referenciais eurocêntricos (ou, euronorteamericanos) de projetos de sociedade. Romper este bloqueio é crucial para fortalecer as matrizes de saberes autóctones, engendradas a partir de sujeitos cujas geograficidades não são aquelas definidas pelas fronteiras dos estados territoriais que esquadrinham Abya Yala. Ou, aquelas que se constituem contra/com estes esquadrinhamentos, mas cuja temporalidade também é apagada por eles: ele nos alertava que, para um indígena Aymara, os quinhentos anos da invasão espanhola não são o marco que engloba sua história, pois tanto sua existência é anterior quanto suas resistências a dominadores outros também, visto que já resistiam aos Incas. É neste sentido que a história deste povo não pode ser contada a partir da chegada do colonizador, e suas lutas nas mais variadas dimensões políticas, econômicas, culturais, entre outras, são "r-existências". A luta Aymara também é uma luta pela releitura de sua história, a partir de seus marcos de significação, definindo recortes próprios de periodização – e não a partir dos marcos eurocêntricos. Assim, chamar América de Abya Yala, Pachamama ou Pindorama não é apenas uma contenda em torno de palavras, mas uma disputa por nomeações que envolvem significações, ou representações no sentido atribuído por Bourdieu (1989), uma disputa simbólica que é fundamentalmente uma dimensão das disputas de poder. É o enredamento da colonialidade do poder com a colonialidade do saber e do ser, na forma do controle das mentalidades, dos universos intersubjetivos que nos constituem enquanto sujeitos em relações de dominação e resistência, e assim a possibilidade de controle ou emancipação de comportamentos sociais e políticos.

O LEGADO DE CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

Carlos Walter Porto-Gonçalves foi, certamente, um dos nomes centrais da geografia brasileira e latino-americana nas últimas décadas. Ajudou a redefinir o diálogo entre a geografia e as ciências sociais e naturais na região. Seu protagonismo na afirmação da geografia crítica e na construção da "crítica do pensamento crítico", bem como a sua relação com os movimentos sociais e a afirmação do espaço nas estratégias das suas lutas, foram contribuições fundamentais que ele deixa.

Seu envolvimento e contribuições teóricas sobre questões ambientais e sobre a Amazônia também são únicos. Sobre a Amazônia, que abordou em vários de seus livros, Cruz (no prelo) identifica diversas das suas contribuições, das quais aqui destacaremos três. Em primeiro lugar, a sua luta contra os esquemas cognitivos enraizados, o "arquivo colonial sobre a Amazônia", buscando superar e desestabilizar as abordagens utilizadas para interpretar e representar a região, sobretudo as construídas por atores externos a ela. Segundo, seu esforço por pensar a Amazônia a partir de suas dinâmicas sociometabólicas, superando a divisão entre aspectos naturais e sociais. Terceiro, a busca por pensar a diversidade territorial da Amazônia (incluindo a Pan-Amazônia, para além das fronteiras nacionais que a esquadrinham). Assim, propunha valorizar a diversidade de tempos (históricos e naturais) que a compunham, a biodiversidade e a sociodiversidade, concebendo então a Amazônia como uma "reserva epistêmica", um repositório de saberes que podem contribuir decisivamente para a constituição de um horizonte político e cognitivo de projeto para o Brasil e para o mundo.

Ao propor uma imaginação espacial baseada na leitura de múltiplas culturas e múltiplas naturezas engendrando múltiplos espaços, espacialidades, territórios e territorialidades, CW deixa um conjunto de ideias que desestabilizam concepções tradicionais de geografia, especialmente aquelas centradas no Estado e nos agentes do capital. Valorizar as re-existências significa buscar descolonizar o pensamento e a geografia, em busca da transformação social, que foi o real sentido de sua produção e atuação intelectual ao longo de toda a carreira.

NOTAS

1 – Este texto é a versão completa do que foi publicado na língua inglesa na revista Antipode Online em fevereiro de 2024, na seção "Intervention", com o título "Carlos Walter Porto-Gonçalves: The Decolonial Geography of an Intellectual from Abya Yala". Disponível em < https://antipodeonline.org/2024/02/09/carlos-walter-porto-goncalves/>.

2 – Depoimento sobre Carlos Walter prestado pelo prof. Amauri Mendes Pereira, militante do Movimento Negro, ex-presidente do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), e um dos fundadores de uma entidade que foi precursora e co-irmã do IPCN, a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba), em 1974.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, Luc. Sociologia da crítica, instituições e ou novo modo de dominação gestionária. *Sociologia & Antropologia*, v. 3, n 6, p. 441–463, 2013.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Editora Bertrand Brasil, 1989.

CRUZ, Valter Carmo. Dez lições para se pensar a Amazônia a partir da obra de Carlos Walter Porto-Gonçalves. No prelo.

OLIVEIRA, Francisco. A metamorfose da arribaçã: fundo público e regulação autoritária na expansão econômica do Nordeste. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 27, p. 67-92, 1990.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Geografia está em crise: viva a Geografia! In R Moreira (ed) Geografia: Teoria e crítica—O saber posto em questão. Petrópolis: Vozes, 1982 [1978].

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Paixão da Terra: Ensaios Críticos de Ecologia e Geografia. Rio de Janeiro: Socii, 1984.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Os (Des)caminhos do Meio Ambiente. São Paulo: Contexto, 1989

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Amazônia, Amazônia. São Paulo: Contexto, 2001.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Geograficidade do Social: uma contribuição para o debate metodológico sobre estudos de conflito e movimentos sociais na América Latina. Em J Seoane (ed) Movimentos sociais e conflitos na América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americano. In A E Ceceña (Org) De los saberes de la emancipación y de la dominación. Buenos Aires: CLACSO, 2004.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da edição em português. In E Lander (ed) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais—perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Relatório Técnico do projeto de pesquisa "A Geografia dos Conflitos Sociais na América Latina e no Caribe". Niterói/Buenos Aires: CLACSO, 2006.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

SANTOS, Renato Emerson dos. Carlos Walter Porto Gonçalves, presente! A geografia descolonial de um intelectual de Abya Yala. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 20, n. 2, p. 55-65, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.12957/tamoios.2024.85566. Acesso em: DD MMM. AAAA.